

QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA: DISCURSO E MEMÓRIA SOCIAL

LUIZA BOÉZZIO GREFF¹; AMANDA ELOINA SCHERER²

¹ Universidade Federal de Santa Maria – luizagreff@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Santa Maria – amanda.scherer@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo é constituído pela obra “Quarto de Despejo – diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus editada em 1960 pela (hoje extinta) editora Paulo Azevedo LTDA. Nele estamos recortando alguns fragmentos que consideramos importantes para tratarmos da problemática da memória como questão teórica. Nosso suporte teórico e analítico tem por base a Análise de Discurso de linha francesa que, no Brasil, toma como referência o trabalho de Eni Orlandi, importante estudiosa da linguagem, sobretudo no tocante às reflexões sobre a constituição da subjetividade no discurso urbano. No campo francês, estamos nos apoiando nos estudos de Davallon (1999) e Halbwachs (1990) no que diz respeito ao domínio de memória como constitutivo do acontecimento histórico.

O estudo apresentado está vinculado ao projeto “História e Memória: o imaginário sobre a língua no/do Brasil”, configurando o estudo individual da graduanda, como projeto de iniciação científica orientado pela Prof^a Dr^a Amanda Eloina Scherer e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

É com base na leitura e análise (sob viés da Análise do Discurso francesa) do discurso literário de Carolina Maria de Jesus em seu primeiro livro, que pretendemos compreender como o diário pessoal de um sujeito (Pêcheux, 1997), permeado por sua subjetividade, é capaz de transformar-se em um depoimento de memória que transcende o individual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acreditamos que o discurso de "Quarto de Despejo" possa ser lido como um fragmento de uma memória coletiva da vivência em favela – consideramos também o acontecimento (Pêcheux, 2006) que o lançamento e a recepção do livro de Carolina instaura, causando alvoroço entre crítica e público, chegando a ser um Best Seller nacional e internacional.

Corroboramos para esta afirmação a leitura de Davallon (1999) que infere: “para que haja memória é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão”.

Halbwachs (1990) diz ser memória “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade”, essa mesma memória para ser coletiva, depende de uma dimensão intersubjetiva e grupal (eu – outros), a memória coletiva “só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém.”, como destaca Davallon (1999), essas afirmações indicam uma memória capaz de manter/representar continuamente o passado ao mesmo tempo em que sua fragilidade é dada pela permanência do seu grupo mantenedor – tão logo esse grupo desapareça, se não houver uma forma de materialização/representação de sua memória como legado à um próximo grupo social, essa memória desaparecerá.

É por essa leitura que tentaremos apresentar "Quarto de Despejo" como um discurso de memória que transcendeu sua condição de individual e tornou-se coletivo: o discurso apresentado em Quarto de Despejo não é História (a que Halbwachs opõe memória social coletiva e história, pois um registro de memória social “não é obrigatoriamente *ipso facto*” pois esta “nos introduz acima de tudo em uma problemática dos objetos culturais considerados como operadores de memória social” (1990)) e sim um operador de memória social coletiva.

4. CONCLUSÕES

É por essa leitura que tentaremos apresentar "Quarto de Despejo" como um discurso de memória que transcendeu sua condição de individual e tornou-se coletivo: o discurso apresentado em Quarto de Despejo não é História (a que Halbwachs opõe memória social coletiva e história, pois um registro de memória social “não é obrigatoriamente *ipso facto*” pois esta “nos introduz acima de tudo em uma problemática dos objetos culturais considerados como operadores de memória social”) e sim um operador de memória social coletiva.

Cabe dizer que o trabalho está em fase de desenvolvimento, portanto as conclusões são ainda frágeis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Companhia Editora Nacional – Editora da Universidade de São Paulo – São Paulo, 1970

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, 2ª edição, 3ª reimpressão: Editora Contexto, 2006

DE JESUS, C. M. **Quarto de Despejo – Diário de uma favelada**. 1960. São Paulo. Editora Paulo de Azevedo Ltda.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Editora revista dos tribunais Ltda. 1990. São Paulo

KONDER, L. **A Questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MOREIRA, R. N. P. **História e Memória: algumas observações**.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto – Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes editores, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso – Uma crítica á Afirmação do Óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Discurso: Estrutura ou acontecimento?**. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes editores, 2006